



2022

Violência online no jornalismo: guia de prevenção e boas práticas

(org.)

MARIA JOÃO SILVEIRINHA

JOÃO MIRANDA | SUSANA SAMPAIO-DIAS

BIBIANA GARCEZ | FILIPA SUBTIL | CARLA CERQUEIRA

BRUNO SANTOS DIAS | INÊS AMARAL



2022

Violência online no jornalismo: guia de prevenção e boas práticas

(org.)

MARIA JOÃO SILVEIRINHA

JOÃO MIRANDA | SUSANA SAMPAIO-DIAS

BIBIANA GARCEZ | FILIPA SUBTIL | CARLA CERQUEIRA

BRUNO SANTOS DIAS | INÊS AMARAL



Violência online no jornalismo: guia de prevenção e boas práticas

Este guia foi desenvolvido no âmbito do projeto “O género nas pandemias de ódio: media sociais, Covid 19 e as mulheres jornalistas” [ID 75893685], financiado pela FCT, entre 2021 e 2022, no Instituto de Comunicação da Nova (ICNova), na Universidade Nova de Lisboa.

ORGANIZADORES/AS

Maria João Silveirinha
João Miranda
Susana Sampaio-Dias
Bibiana Garcez
Filipa Subtil
Carla Cerqueira
Bruno Santos Dias
Inês Amaral

REVISÃO E PAGINAÇÃO

Monise Martinez

2022

©Instituto de Comunicação da NOVA (ICNOVA)

Universidade Nova de Lisboa | Avenida de Berna 26C edifício ID sala 3.20 | 1069-061 Lisboa

ISBN: 978-989-9048-32-4



SUMÁRIO

04 **INTRODUÇÃO**

08 **EMPRESAS NOTICIOSAS**

12 **OUTRAS ENTIDADES E ASSOCIAÇÕES**

14 **JORNALISTAS**

18 **FREELANCERS**

21 **GUIAS E FONTES PARA CONSULTA**

INTRODUÇÃO

É hoje habitual que jornalistas tenham formação em segurança e defesa que os/as prepara para cenários conturbados. Num momento em que os números de assassinatos e de ataques à integridade física de jornalistas se mostram cada vez mais preocupantes um pouco por todo o mundo, estas formações são, efetivamente, essenciais. No entanto, muitos dos ataques a jornalistas não ocorrem em contexto de guerra. A violência sobre elas/eles exercida tem igualmente assumido uma forma menos imediatamente visível, mas não menos preocupante: aquela que se desenvolve no ambiente digital.

Se a hostilidade para com jornalistas sempre existiu, os espaços digitais estão hoje saturados de novas formas de ataques, muitas vezes criadas por atores organizados, mas também por pessoas individuais. A popularização do termo «jornalixo» nas redes e caixas de comentários a notícias é disso um exemplo.

Para mais, os/as jornalistas estão muito mais visíveis e acessíveis. As redes sociais e o jornalismo digital facilitaram essa visibilidade e aumentaram a proximidade entre profissionais e audiências. No entanto, se tal visibilidade e proximidade permitem conversas e fomentam democraticamente oportunidades de debate e crítica do jornalismo, a possibilidade de o público comentar ou aceder facilmente aos/às jornalistas também se tornou uma armadilha.

Nem todos os públicos se envolvem em comentários destrutivos, mas insultos reiterados e ameaças e assédio não podem ser confundidos com crítica. Na verdade, um crescente corpo de investigação — que inclui o estudo desenvolvido pelo projeto que dá origem a este Guia — mostra que existe uma interferência contínua no trabalho diário dos/as jornalistas sob a forma de ameaças implícitas e explícitas online. As consequências deste ambiente perturbador estendem-se à vida pública, já que tais ataques no ambiente digital podem não só vir a propiciar futuros ataques físicos, como serem inibidores da realização do trabalho jornalístico em plena liberdade. Como acontece com a violência física em campo, a retórica violenta digital cria um clima de intimidação que pode levar à autocensura e ser altamente perturbadora da saúde mental a que todos e todas as jornalistas têm direito, no exercício da sua profissão.

Foi com estas preocupações em mente que o Guia que aqui se apresenta foi desenvolvido no âmbito do projeto «O género nas pandemias de ódio: media sociais, Covid 19 e as mulheres jornalistas» [ID 75893685], financiado pela FCT e desenvolvido no Instituto de Comunicação da Nova (ICNova), na Universidade Nova de Lisboa, nos anos de 2021 e 2022. As propostas de prevenção e boas práticas aqui desenvolvidas baseiam-se largamente em outras fontes e guias semelhantes publicados internacionalmente e constituem pistas para formas de prevenção do que deliberadamente chamamos «violência online», já que as consequências dos ataques para os/as jornalistas são reais — não são virtuais. Tais propostas têm também por base as experiências recolhidas nos testemunhos de mulheres jornalistas dados em entrevistas à equipa de investigação do projeto, bem como a partir de um inquérito elaborado pelo mesmo projeto e distribuído com apoio da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ).

O Guia está subdividido em quatro partes — empresas noticiosas, outras entidades e associações, jornalistas e freelancers. De notar que consideramos que é, antes de mais, às empresas jornalísticas e a outras entidades e associações que cabe o primeiro papel na prevenção e nas boas práticas. As organizações jornalísticas têm um dever urgente de apoiar as suas e os seus profissionais porque o problema não se coloca ao nível individual. Preventivamente, uma das primeiras medidas a tomar por parte das organizações noticiosas e outras entidades é combater a normalização e aumentar a consciencialização de que o problema é real e que deve de ser denunciado.

Abordar a questão da violência online na sua forma de política institucional e tornar o mais simples possível a editores/as e gestores/as implementar medidas de prevenção envia para a sociedade um sinal de que não é aceitável que jornalistas — especialmente mulheres e jornalistas pertencentes a diferentes grupos minoritários — tenham de viver com esse tipo de abuso todos os dias e que os órgãos de comunicação social reconhecem que esta não é uma forma aceitável de exercer a sua profissão. Além disso, tal como se preparam jornalistas para questões de segurança física, é fundamental formar essas pessoas em segurança e defesa online.

As recomendações que apresentamos abordam, pois, práticas de prevenção e atuação no caso de os ataques acontecerem. Na última seção, é possível consultar outras fontes e guias que, escritos por especialistas em segurança, privacidade digital e violência baseada no género, basearam em larga medida as boas práticas que aqui reunimos.

EMPRESAS NOTICIOSAS



PREVINA

- ***Crie uma cultura de segurança dentro da redação para combater o assédio virtual.*** Tal cultura é mais do que o desenvolvimento de algumas estratégias para combater o assédio online num estágio inicial. A direção deve tomar medidas para entender que tipos de ataques são perpetrados contra membros de sua equipe, quais são os mecanismos normalmente utilizados por pessoas agressoras, além de desenvolver protocolos claros para o tratamento de casos e, principalmente, normalizar a discussão sobre o assunto na redação. Os/as jornalistas devem sentir-se seguros/as de que se denunciarem um abuso, tal não se irá refletir negativamente na sua avaliação ou reputação profissional, nem levará a um juízo penalizador sobre si. Uma medida sugerida pela International Women's Media Foundation (IWWMF) é começar por fazer um inquérito anónimo na redação para ter uma noção da escala e dos contornos do problema.
- ***Crie protocolos detalhados para jornalistas alvo de assédio online.*** Essa estratégia deve abranger itens como moderação e assistência à segurança digital; diferenciação entre os ataques que exigem uma intervenção legal, aqueles para os quais não existem formas legais de intervenção e aqueles cuja intervenção não seria eficaz; apresentação de linhas e canais evidentes para denúncia; e, por fim, divulgação ampla de informações sobre apoios e recursos legais e policiais na sua redação.

- ***Crie mecanismos para que os/as jornalistas se manifestem contra os ataques que recebem nos locais de trabalho.*** Tais mecanismos podem incluir o estabelecimento de uma equipa para analisar as reclamações; a nomeação de alguém com quem os/as profissionais possam falar livremente, adquirir suporte e organizar uma resposta à agressão; a adoção, em diálogo com funcionários e sindicatos, de políticas sobre assédio online e de orientações para lidar com o problema, bem como a difusão e o oferecimento de formações sobre tais políticas e problemas.
- ***Incentive e/ou promova a formação de grupos de pares onde jornalistas possam discutir as ameaças contra si.*** A Reuters Peer Network é um bom exemplo.
- ***Adote e estabeleça diretrizes adequadas sobre moderação de comentários online.*** É importante incluir definições claras de atos de misoginia, racismo, homofobia ou outras formas de assédio com base em traços identitários.
- ***Identifique as mulheres jornalistas como profissionais que são particularmente suscetíveis de serem atacadas.*** Muitas investigações têm evidenciado que mulheres jornalistas são os alvos preferenciais de *trollers* e que o assédio que sofrem é também de género — quer na sua dimensão, quer na linguagem usada, quer na sua forma.
- ***Identifique outros/as jornalistas que, quer por traços das suas identidades, quer pelos temas que tratam, são também suscetíveis de serem atacados/as.*** Tenha, pois, isso em conta ao disponibilizar recursos para minimizar os riscos e na atenção que é dada a este problema.
- ***Promova atividades de formação,*** como *workshops* regulares com especialistas sobre questões como segurança online, tópicos emergentes que tendem a atrair assédio, ou sobre como lidar com o sofrimento emocional em caso de exposição à violência online.
- ***Organize reuniões de redação regularmente para discutir problemas emergentes,*** ataques específicos que afetam pessoas da redação, a abordagem editorial para a cobertura de determinados assuntos que atraem ataques online e tendências emergentes da comunidade de leitores e utilizadores.

- ***Não encoraje a visibilidade de membros da sua redação se esses preferirem ter um maior anonimato.*** Embora as redes sociais tenham a vantagem de aproximar o público do seu órgão de comunicação, respeite que o/a jornalista posicione-se sobre o modo como prefere gerir essa aproximação.
- ***Partilhe com freelancers os mecanismos de defesa de jornalistas adotados pela sua organização.***
- ***Distribua guias como este entre jornalistas de sua redação.***



ATUE

- ***Responda oficialmente, enquanto organização, a ataques online,*** para que os *trolls* vejam que o/a profissional atacado/a não está isolado/a. As mensagens de apoio devem ser enviadas nas redes sociais do/a jornalista assediado/a e não na forma de mensagens privadas.
- ***Apoie a sua equipe a levar o caso a tribunal quando o ataque configurar crime.*** As acusações criminais ou ações judiciais contra agressores online têm-se mostrado eficazes na prevenção de novos ataques.
- ***Forneça apoio jurídico, psicológico e outros aos/às jornalistas como forma de limitar as consequências negativas da agressão.***
- ***Procure identificar os/as agressores/as online.*** Isto é importante não apenas para jornalistas visados/as, mas também para moderadores/as das discussões online, que têm de garantir que estas reflitam a diversidade de opiniões que existem na sociedade.
- ***Documente os casos de assédio e os ataques virtuais.*** As pessoas responsáveis por coordenar os mecanismos de denúncia devem criar uma base de dados para armazenar informações sobre os ataques reportados, assim como as ações de resposta adotadas. Essa base de dados é fundamental para acompanhar as medidas de apoio disponíveis, assim como seu grau de eficácia a longo prazo.
- ***Reconheça publicamente que o assédio online dirigido a jornalistas representa um ataque a toda a redação.*** Os ataques online contra jornalistas devem ser tratados como parte de um fenómeno mais amplo de discurso de ódio ou discurso abusivo e de disseminação de desinformação, que procura minar os próprios fundamentos do jornalismo e da troca democrática de ideias.

OUTRAS ENTIDADES E ASSOCIAÇÕES



PREVINA E ATUE

- As associações e sindicatos de jornalistas devem organizar mais iniciativas de apoio aos pares e jornalistas assediados/as.
- As associações e sindicatos de jornalistas devem comunicar melhor aos órgãos de comunicação as necessidades de seus/suas associados/as, incluindo freelancers.
- As entidades profissionais devem não só prestar todo o apoio necessário aos/às jornalistas, como, por exemplo, criar uma seção especial no seu site dedicada ao assédio online e incluir números úteis para contato e a legislação em vigor.
- Departamentos de Jornalismo e Comunicação em instituições universitárias e outras entidades dedicadas à formação de jornalistas deverão incorporar temáticas relacionadas ao assédio online nos seus currículos, além de reunir e partilhar recursos sobre segurança digital, trauma, apoio jurídico, advocacia e iniciativas de contradiscurso.

JORNALISTAS



PREVINA

- ***Pesquise-se a si mesmo/a em motores de busca.*** Esta prática pode ajudar a ter noção sobre quais informações a seu respeito estão disponíveis online, a perceber como podem ser utilizadas contra si e, sempre que for o caso, a retirá-las. Pesquise o seu nome, número de telemóvel, morada, «nomes de utilizador/a», outras informações pessoais e também por fotos. Para essas últimas, ferramentas como o Google Imagens podem ser úteis.
- ***Evite utilizar dispositivos pessoais para o trabalho ou tenha dispositivos exclusivos para trabalhar.*** Da mesma forma, importa separar contas de trabalho de contas pessoais. Isto revela-se ainda mais importante tendo em conta a utilização dispositivos IoT (Internet das Coisas), ou seja, itens domésticos do quotidiano apoiados por WiFi, como a Alexa, por exemplo. As plataformas utilizam a interconexão entre os diferentes dispositivos associados a um/a mesmo/a utilizador/a para personalizar os conteúdos oferecidos, mas estas e outras informações também podem ser acedidas e utilizadas contra si.
- ***Use uma Rede Privada Virtual (VPN).*** As VPNs criptografam a sua atividade on-line, tornando mais difícil a recolha de informações dos dispositivos, seja o telemóvel, o portátil ou o computador. Como se sabe, jornalistas estão especialmente expostos/as a *hackers* por comumente terem de fazer o trabalho usando redes WiFi públicas, as quais nem sempre são seguras.
- ***Verifique as definições de privacidade e ative a autenticação em dois fatores nos serviços que oferecem esta opção.*** Este tipo de autenticação é mais seguro porque utiliza dois níveis de confirmação do/a proprietário/a da conta, como a senha e o envio de uma mensagem para o telefone.

- **Utilize senhas fortes para cada uma das contas de serviços online.** As senhas fortes têm três características: são longas, com 15 caracteres ou mais; são exclusivas, usadas numa só conta; e são complexas, compostas por várias palavras, letras maiúsculas e minúsculas, bem como por números e símbolos. É possível utilizar aplicações próprias para este fim, como a 1Password, Bitwarden, PassHub, Myki e a LastPass.
- **Utilize um gerenciador de senhas em vez de tentar memorizá-las.**
- **Altere periodicamente as suas senhas de acesso.**



ATUE

- **Não desvalorize os ataques.** Por menores que possam parecer em alguns contextos, considere como e quanto a sua acumulação pode danificar o seu estado espírito, a sua saúde mental e o seu bem-estar profissional.
- **Não considere que os ataques fazem parte do seu trabalho.** Embora o contacto com as audiências nem sempre seja pacífico, apenas a crítica construtiva e justa deve ser tomada como parte das suas atividades.
- **Identifique o tipo de ataque de que está a ser vítima.** Trata-se de assédio sexual, ameaças, discurso de ódio com expressões de misoginia, xenofobia, racismo? — a identificação é importante para pensar as melhores estratégias para responder à situação.
- **Documente os ataques.** Registe tudo o que puder (quem, quando, quantas vezes), capte fotografias, *prints* e notas. Guarde os e-mails, nome de utilizador/a da pessoa agressora, mensagens privadas, etc. Mesmo que não considere ou não seja caso para comunicar às autoridades, estas informações poderão ser úteis para medidas futuras. Se o ataque for de natureza criminosa, poderão ser utilizadas para formalizar a sua denúncia.
- **Avalie os riscos que corre.** O ataque sofrido é de cariz pessoal ou profissional? Existem ameaças diretas e específicas? O que sabem os/as assediadores/as sobre si (por exemplo, morada, telefone, etc.)? — esse tipo de avaliação pode auxiliar a pensar estratégias de proteção e intervenção.

- **Procure não alimentar o trolling.** Tente não se envolver ou responder diretamente a quem faz as agressões online, seja de forma pública ou privada, já que isso pode encorajar a continuidade da prática.
- **Nas redes sociais, desconecte, deixe de seguir, bloqueie e denuncie a pessoa que comete as agressões.** Em particular, quando estiver a viver uma situação de abuso, evite manter ativas as notificações para não ser provocado/a a ver ou mesmo responder às mensagens.
- **Reporte os ataques.** Se os ataques ocorrerem numa rede social, denuncie à própria plataforma. Se for passível de uma intervenção legal, considere levar o caso a tribunal. Procure apoio da sua organização para tal. Embora os procedimentos judiciais que tratam do assédio online não sejam tão eficazes quanto deveriam ser, é importante denunciar casos de ameaças, assédio sexual e insultos à polícia a fim de aumentar a compreensão do fenómeno no sistema judicial.
- **Envolva a sua organização,** que tem obrigação de garantir a sua proteção. Caso não o faça, exija que tenha mecanismos para apoiar, incluindo cuidados com a saúde mental ou aconselhamento jurídico.
- **Envolva as entidades profissionais.** O ataque é um problema grave e o corpo profissional deve organizar-se para o combater. É fundamental promover a discussão do tema dentro da profissão.
- **Fale e procure apoio.** Conte às amigas, família e colegas o ocorrido. Converse com os seus pares e, se souber de alguém que já tenha vivido situação semelhante, fale com essa pessoa. A possibilidade de partilhar preocupações com colegas que tiveram as mesmas experiências ajuda a combater a sensação de que se está sozinho/a e reforça a ideia vital de que a comunidade de jornalistas permanecerá unida. Se estiver relacionado com o trabalho, informe o seu empregador, partilhe os seus documentos e explique o impacto que o ataque tem na sua vida.
- **Não se sinta responsável pelos ataques.** É importante compreender o assédio online como um fenómeno maior que vai além do seu caso e que visa silenciar certas formas de expressão ou que resulta de uma cultura de hostilidade, de ataques à imprensa, de fatores como a misoginia, de acesso demasiado fácil aos/às jornalistas. Enquadrar os problemas desta forma é um passo importante para diminuir o seu impacto emocional e profissional.

FREELANCERS



PREVINA

- *Separe o seu trabalho da vida pessoal nas contas das redes sociais.*
- *Avalie a sua segurança online.* Para tal, consulte, por exemplo, as recomendações disponíveis no Digital Risk Assessment Template, da ONG The Rory Peck Trust.
- *Invista na aprendizagem de elementos básicos de segurança online, como a encriptação de dados que queira proteger.*
- *Ative a verificação de dois fatores para as contas que utiliza, de modo a ser alertado/a se alguém tentar entrar na sua conta.*
- *Reveja as configurações de privacidade das suas contas e altere-as para qualquer informação que não queira pública.*
- *Reveja as suas fotos online e avalie se alguma delas pode ser usada para o/a desacreditar.* Os *trolls* apropriam-se muitas vezes indevidamente de imagens encontradas no domínio público e usam-nas para manchar a imagem do/a jornalista. Essas imagens podem ser fotografias do quotidiano, como, por exemplo, de um/a jornalista de férias.
- *Esteja atento/a aos comentários das suas redes sociais que possam indicar o início de uma situação de assédio.* Mantenha-se vigilante logo após a publicação de notícias, especialmente se forem sobre tópicos que atraem o interesse de *trolls*.
- *Inscreva-se para que as suas contas sejam verificadas por empresas de redes sociais.* Isso mostrará aos seus seguidores que a conta é realmente sua e não uma conta falsa configurada em seu nome.



ATUE

- *Documente o ataque.* Veja como o fazer, por exemplo, neste guia da TrollBusters.
- *Reporte o ataque às autoridades, se a sua primeira inclinação for nesse sentido.*
- *Consulte os meios de comunicação a fim de saber se, no caso de assédio em questão, pode ter algum tipo de apoio.* Muitos/as jornalistas freelancer consideram que as organizações noticiosas não lhes oferecem medidas suficientes. No entanto, em alguns casos, esse apoio dos meios de comunicação pode existir.
- *Procure por grupos fechados do Facebook dedicados a freelancers ou outros tipos de associação informal, onde as experiências de assédio online possam ser partilhadas e discutidas.* Em alternativa, partilhe e discuta com colegas, amizades e família.

GUIAS E FONTES PARA CONSULTA



EM PORTUGUÊS E ESPANHOL

- Cinco formas de te protegeres do assédio online
- Cómo ayudar a periodistas que sufren ataques online



EM INGLÊS

- A Guide to Protecting Newsrooms and Journalists Against Online Violence
- Coalition Against Online Violence Response Hub
- Digital Hygiene Lessons
- Do-It-Yourself Online Safety
- Editor's checklist: Protecting staff and freelancers against online abuse, Committee to Protect Journalists
- Guidelines for media and unions to combat online harassment of women journalists
- How to delete yourself from internet search results and hide your identity online
- How to protect your privacy and stay secure on Instagram
- Keeping journalists safe online: a guide for newsrooms in West Africa & beyond
- Protocol for newsrooms to support journalists targeted with online harassment
- Newsroom Best Practices for Addressing Online Violence against Journalists
- PEN America's Field Manual Against Online Harassment
- PEN America's Field Manual Against Online Harassment: Legal Resources
- PEN America Defining online abuse: a glossary of terms
- Six simple steps to beef up your cybersecurity while WFH
- Speak Up & Stay Safe(r): A Guide to Protecting Yourself From Online Harassment
- So You've Been Doxed: A Guide to Best Practices
- So, you're getting harassed on the Internet. What do you do now?
- Staff survey, International Press Institute
- Zen and the art of making tech work for you
- 8 tips on how to report harassment on social media

